



473

29

A Chama

ed. Out/80

v.

a chama

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES
DO COLÉGIO S. VICENTE DE PAULO-RIO

OUTUBRO DE 1980 - Nº 29



DE ÚLTIMA HORA !

Nossa revista A CHAMA passará, em breve, por sérias transformações. Basicamente, será como precisamos ter, um boletim freqüente, de periodicidade maior, um órgão ágil, flexível, capaz de reagir de imediato aos acontecimentos, às necessidades e às propostas.

Por isso, atendendo a sugestões do Conselho Pedagógico do Colégio, apresentei à Associação de Pais e Mestres a idéia de A CHAMA ser um "caderno" mais artesanal, quem sabe só mimeografado (mas com capricho! e que dê gosto ler!). Isso fará evitar os altos custos de cada edição (custou mais de Cr\$ 60.000,00 esta edição que você tem em mãos...) e nos porá em condições de alterar, no calor dos fatos, a linha do número, encaixando novas matérias, os convites e anúncios das promoções da Comunidade Educativa, das Associações de Pais e Mestres e dos Amigos do Bairro, as atividades dos Grêmios, etc., etc.

Ainda estamos decidindo se vamos alterar o tipo de edição no próximo número ou só em 1981. As sugestões já recebidas nos ajudaram a ver algumas necessidades e muitas soluções. Outras sugestões serão, evidentemente, bem recebidas. É uma das formas de cada Família indicar como vem apreciando nossa Revista e o esforço de seus sucessivos Redatores e Colaboradores.

Você leia esta Nota antes de tudo o mais deste número, e entenderá bem nossa intenção e nossas necessidades.

Isto seria um Editorial, mas nossa resolução é posterior à confecção do miolo da Revista, o que nos dá aqui o espaço de lhes enviar um abraço ainda mais recente e o testemunho de uma alegria ainda mais nova!

Pe. Lauro Palú, CM., Diretor

a chama

EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241 –
Laranjeiras – Tel.: 285-0613
22.241 – Rio de Janeiro – RJ

CONSELHO EDITORIAL

Associação de Pais e Mestres do
Colégio S. Vicente de Paulo

DIRETOR RESPONSÁVEL

Padre Lauro Palú, C.M.

COORDENAÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Prof. Horácio A. B. Neto

CONTATO DE PUBLICIDADE

Maria José Hespanha de Soares

COMPOSIÇÃO/ARTE

Audifax Ayres/Hyrmo Costa

REVISÃO

Damião Nascimento

COLABORAM NESTE NÚMERO

Ana Cristina R. Chiara, Pe.
Almeida, Irani Guerra, Léa
Cortez Diniz R. Lima, Pe Lauro
Palú, Adair Leonardo Rocha,
Pe. Luiz Oliveira Campos, Edna
Maria Loter, Felipe Fortuna,
Lourdes Tura, Aluizio, Antonio
Farias, Nina Maria, Glória Lopes.

Os artigos assinados, são da
responsabilidade dos autores.

Aceitamos permuta, com
publicações do gênero.

Circulação dirigida:
1500 exemplares.

PRODUÇÃO E IMPRESSÃO

Altiva Gráfica e Editora Ltda.
R. Gal. Caldwell, 316 – Loja
Tels.: 232-7869 - 252-5576
Rio de Janeiro, RJ
Cep. 20.230

Editorial

1. Estamos entregando a você, mas com um atraso enorme, esta Revista. A experiência deste ano, infelizmente, não está sendo positiva, com os atuais dois encarregados-sobrecarregados(!). E a Revista precisa e quer ser outra coisa, para atender ao objetivo de sua fundação: quer ser um órgão vivo, atuante, que possa comunicar às Famílias, em tempo útil, as promoções e preocupações do Colégio, e, em tempo ótimo, a notícia dos frutos do trabalho diário da Casa. Para isto, estão em estudo umas propostas que já serão concretizadas no próximo número.

2. Atenção, neste número, para as seguintes partes: História do Colégio; assuntos que se ligam a nós de modo mais ou menos próximo e direto; promoções da Comunidade; reflexão pedagógica (um ponto de vista sobre os Conselhos Pedagógico e de Classe); e a parte final, de notícias (antigas, antigas. . .).

3. Leia o texto, em Notícias, sobre "Deus e o Povo", um depoimento de Mãe de Aluno. Sobre isto, voltaremos a falar, no próximo número, que é importante e tivemos desdobramentos. . .

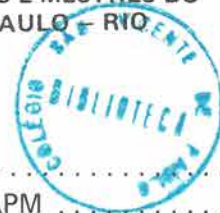
4. Por ser contra a técnica, este Editorial não vai assinado, mas fui eu, Pe. Lauro Palú, que o escrevi. . . E é como se estivesse subscrito, uma carta que termino com um abraço de toda a Comunidade Educativa para você, Aluno, Ex-Aluno, Pai, Professor, Funcionário e Amigo do São Vicente.

ÍNDICE

ANO VII – OUTUBRO DE 1980 – Nº 29

REVISTA DA ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES DO
COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

	Pág.
Editorial	3
Austregésilo de Athayde: Os 20 Anos da APM	4
APM em Ritmo de Bodas de Porcelana	5
Associação de Caridade: Vinte Anos	8
Mensagem à Associação de Caridade	8
Assembléia Geral dos Lazaristas	9
"Pai Guerra"	9
O que vai ficando da Visita do Papa	10
Psicologia da Adolescência	10
Bambuí: Ordenação de D. Elias Chaves	11
Décimo Congresso de Educadores Cristãos	12
Grupo Calabouço	13
Experiência de Vertente	14
Menino Maluquinho	14
Pequenos Leitores	15
Impressões de Nossa Viagem a Minas	15
Um Conselho aos Conselhos	16
Dia dos Pais no CSVP	17
Festa Junina no CSVP	18



AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE

OS VINTE ANOS DA APM

Por ocasião da comemoração dos 20 anos da Associação de Pais e Mestres, reuniu-se aqui no Colégio seletivo grupo de convidados, entre os quais destacou-se a figura notável de Austregésilo de Athayde, ex-presidente da A.P.M., que brindou a todos com o pronunciamento que aqui se segue, nos seus aspectos essenciais.

Infelizmente o brilhantismo de sua lúcida inteligência, a verve de sua palavra, a presença de espírito e o bom humor de Austregésilo, por sua extensão, não podem ser transcritos com fidelidade. Ficaram apenas para os que alegraram esta Casa com sua presença naquela noite.

Disse em sua apresentação, o Presidente da Academia Brasileira de Letras a respeito de sua formação lazarista no Seminário da Prainha em Fortaleza, Ceará:

"...Fui forjado com têmpera diferente graças às lições recebidas desses padres... Guardo dos meus mestres do Seminário da Prainha uma lembrança que não se apaga nunca porque ela como que se deixou imprimir na força do meu caráter e na diretriz do meu espírito. É impossível esquecê-los..."

Sobre a influência cultural do Caraça:

"...Aquele Seminário de Fortaleza talvez repetiu naquela distante região do Nordeste a grande aventura educativa do Caraça... Os padres do Caraça formavam o Lar dos Sacerdotes da Congregação da Missão que eram depois enviados para o Ceará, Pernambuco, Maranhão, Bahia. E ali transmitiam aos alunos, aos futuros padres, aos vigários de amanhã, tudo aquilo que constituía a disciplina espiritual do Caraça, não só a disciplina espiritual, como também a cultura aprendida naquele grande Colégio... Aquela extraordinária fábrica de homens probos, corretos, leais consigo mesmos..."

Da rotina dos Seminários:

"...Jamais saíamos do Seminário, dia e noite nos estudos. Aos domingos havia o que chamávamos "O Silêncio", era o recolhimento nas salas de estudo; às quartas, as aulas de música, de civilidade... O resto era estudo... A última prova de latim feita pela minha turma no Seminário foi a versão em versos latinos do episódio de Inês de Castro. Era prova que nós levávamos quinze dias para fazer... Aprendia-se latim, estudava-se um pouco de grego, de sânscrito, de aramaico, de hebraico... tudo isso se sabia... Era uma alta cultura que se processava nas paredes daquele Seminário, entre um grupo de homens inteiramente devotados ao estudo. As minhas recordações do Seminário do Ceará são, portanto, imorredouras".

Sobre a criação do Colégio São Vicente de Paulo fundada em bases lazaristas:

"...A idéia desse Colégio partiu da nossa casa. Da minha casa no Cosme Velho, que é a casa de vocês todos. Eu era então o Presidente da Associação dos Ex-alunos Lazaristas e a minha idéia era fundar uma organização dos lazaristas menores... Dar projeção, no mundo leigo, daquelas virtudes, daqueles conhecimentos, da moral específica, que constituem o espírito de São Vicente de Paulo.

São Vicente de Paulo era um homem de grande humildade, mas de grande inteligência, não tinha cultura, mas tinha intuições formidáveis. Ele agiu num tempo de alta dificuldade política, social e econômica na França. Foi ali que ele desenvolveu sua atividade maior... criou as Irmãs de Caridade para prestar serviços a uma comunidade em perigo... criou a Congregação da Missão, os Lazaristas. A missão específica dos Lazaristas era preparar sacerdotes e pregadores do povo, não pregadores excelsos como Bossuet, Fénelon, mas pregadores de um con-

tacto direto e permanente da alma do sacerdote com os seus fiéis. Essa é que era a pregação vicentina por excelência!

Eu fui, então, o Presidente da Associação dos antigos alunos dos lazaristas que desapareceu como todas as coisas boas, mas fundamos o colégio.

... (Pedi ajuda a Juscelino Kubitschek)...

"— Você tem que ajudar os padres a fundar aquele colégio. É de suma importância que transponhamos aqui para a cidade do Rio de Janeiro aquele espírito com que fomos formados..." Ele aquiesceu porque era uma alma grande e nobre, muito acessível a todas as idéias de grandeza... Aceitou a idéia, contribuiu, animou... Este homem extraordinário está também entre aqueles que não só estimularam mas tornaram possível a construção deste Colégio.

Encontrou-se no Pe. Horta um elemento de extraordinária capacidade de propulsão, entusiasmo, tenacidade e firmeza..."

Sobre a continuidade e permanência do Espírito Lazarista:

"...Aqui se levantou esse monumento que vão vai acabar nunca se nós persistirmos no espírito dos lazaristas, se soubermos interpretá-lo nas dimensões históricas dos serviços que essa Congregação tem prestado à humanidade. É preciso o predomínio do espírito lazarista: o espírito da humildade e da compreensão... Os lazaristas, na continuidade do pensamento humilde mas construtivo de São Vicente de Paulo, prestam à humanidade um enorme serviço de compreensão, de tolerância, de boa vontade e de assistência... Fazem o trabalho que é o trabalho recomendável da caridade."

Sobre a missão dos Mestres:

"Toda a minha cultura é devida a esses padres... eles incentivavam,

orientavam, aceitavam, estimulavam e isso é que é importante no mestre(. . .) O Mestre deve, antes de mais nada, descobrir qual é a tendência do aluno e encaminhá-lo, dar-lhe o impulso para que ele se realize por conta própria. Isso os lazaristas sabiam fazer e fizeram. Eu sou um fruto exatamente dessa liberdade espiritual que eles consentiam vendo nas inclinações de seus Alunos certamente uma manifestação do Espírito. . ."

Pela continuação do Espírito Lazarista:

"...Estou aqui em memória dos meus antigos Mestres. . . Sobre eles pousavam os olhos de 140 alunos. Nunca vi nenhum deles fazer a mínima crítica aos seus professores. O respeito, a comunhão de família, a serenidade do castigo, a palavra de estímulo e louvor, tudo compunha um quadro harmonioso e para nós que vivemos dentro das paredes daquele Seminário é um quadro inesquecível(. . .) É à memória deles que me levanto e falo neste momento, é para agradecer-lhes ainda mais uma vez, é para pedir que haja nessa congregação da Missão a continuidade de seu esforço. Que São Vicente de Paulo continue a presidir, que seus ideais, não só os religiosos, mas os ideais de uma sociedade cristã, não sejam abandonados, que a caridade predomine(. . .) que a igualdade seja o nosso pábulo, que a liberdade constitua antes de tudo a força propulsora da criação do mundo novo."

Dos direitos humanos e cristianismo:

"Hoje, há esta nova força que se levanta na consciência dos homens, a força dos direitos humanos, o respeito à personalidade humana e isso representa um progresso extraordinário. O cristianismo vai por aí. O cristianismo é uma revolução permanente, porque graças ao cristianismo passou-se a respeitar o indivíduo com sua liber-

dade e seu poder de criação. A partir do cristianismo é que se fez uma transformação profunda na mentalidade de todos os homens. . . Ele é um impulso que continua, que se propaga. . ."

Despedindo-se:

"Em memória dos lazaristas já mortos, como estímulo dos lazaristas vivos, em memória de São Vicente de Paulo, em memória da obra cultural espalhada pelo mundo através desses pobres servidores de Cristo, em memória de tudo isso, nós nos reunimos hoje aqui(. . .) Espero(. . .) que 20 anos se passem com outras reuniões dessa natureza e a minha maior esperança é que eu venha aqui de novo falar a vocês."

Transcrição de Ana Cristina de Rezende Chiara

APM EM RITMO DE BODAS DE PORCELANA

Pe. José Pires de Almeida, C.M.

"SOBRANDO" PRESIDENTES

Quem não conhece hoje o nome de Roberto Athayde, autor de "APARECEU A MARGARIDA"? No início do ano escolar de 1961, foi ele um dos alunos matriculados na então "primeira série ginasial" do Colégio S. Vicente de Paulo. Seu pai, Dr. Belarmino Austregésilo de Athayde, grande jornalista, "imortal" e já Presidente da Academia Brasileira de Letras e da Associação dos Ex-Alunos dos Padres Lazaristas (recentemente fundada), era, por muitos títulos, um benemérito da Casa. Em sua residência, afirma ele, nascera a idéia da criação do Colégio S. Vicente de Paulo de que se tornaria

inesquecível "padrinho". Mais que compreensível, portanto, ser ele, agora "pai de aluno", contado, sem perda de tempo, entre os membros ativos da comunidade. Assim, na primeira reunião geral de Pais, foi ele solenemente apresentado pelo Diretor como Novo Presidente da Associação de Pais e Mestres e, como tal, aclamado pela Assembléia.

Ninguém se lembrou da "legalidade", isto é, de que a Associação possuía Diretoria, em legítimo exercício, com mandato durável até maio de 62. Ninguém se lembrou, a não ser os membros da própria Diretoria que acabava de sofrer o "golpe", os quais nada mais tinham a fazer senão renunciar: "contra fato, não há argumento", reza

a sua filosofia.

Eleição "a laço"

Empossado o senhor Presidente, permaneciam vagos os demais cargos. Quem havia de querer usurpar direitos de colegas? Paciência e "conversa ao pé do ouvido" acabam resolvendo tais situações". "Para colaborar", o que aliás já estavam acostumados a fazer, disseram "sim" ao convite do Colégio três casais cujas senhoras atuavam, desde o ano anterior, no recém fundado núcleo da Associação de Caridade. Eram: Emerson e Leonor N. Coelho, Cláudio e Edna May Duvivier, Paulo e Christiane Leitão da Cunha, que pas-

CHAMA 6

saram a ocupar os postos de secretário, tesoureiro e "relações públicas", respectivamente.

Seria a primeira Diretoria a permanecer dois anos no posto e teria sua passagem marcada por algumas interessantes realizações:

— Festas juninas, com intensa participação de pais, mestres e alunos. Iniciadas em 61, com o apoio entusiasta do Diretor, Pe. Horta, marcaram com nota de alegria e jovialidade o final do primeiro semestre e entraram para o calendário escolar e para o rol das obrigações sociais da A.P.M.

— Como atividade extraclasse, aparece o judô em 1962, com material adquirido e professores contratados pela Associação, passando posteriormente à jurisdição do Colégio que o assumiu durante mais 15 anos, isto é, enquanto houve espaço físico para suas evoluções. É agradável recordar as competições periodicamente promovidas pelos instrutores e às quais os pais dos judocas nunca deixavam de comparecer, trazendo, freqüentemente, o resto da família.

— Quinzena do Livro, meio prático de estimular os alunos à leitura e ao enriquecimento da nascente biblioteca escolar. Tais "feiras" (pois nela havia amplo comércio de livros) passaram igualmente à tradição da Casa e, quase sempre, conseguiam sensibilizar os pequenos leitores a adquirirem livros e, os livreiros, a fazerem doações à biblioteca.

Nestas oportunidades e em outras, convidavam-se conferencistas de nome: entre muitos, lembramos os nomes de Viriato Corrêa, Vicente Guimarães (Vovô Felício), Malba Tahan, Maria Junqueira Schmidt, Prof. Gama Filho, Paulino Bressan.

Passos tardos?

Nesse biênio, a presença dos Diretores da A.P.M. foi bastante esporádica. Não há memória de reuniões regulares da equipe que, compreende-se, dificilmente poderia integrar-se, dada a singularidade da origem.

Quando necessário, o Diretor do Colégio acenava ao Presidente e... mais uma Assembléia de Pais se realizava para contornar algumas dificuldades ou para mais uma comemoração. O sistema da época, que hoje costumamos chamar de "paternalista", comportava bem a situação de uma A.P.M.

sempre "a reboque" e condicionada a caminhar lentamente.

Tão lentamente que, a certa altura do 2º semestre de 62, era necessário interrogar-se se ainda existia. Tanto maior o merecimento de ter sobrevivido.

OS ALBORES DA AUTONOMIA

No ano de 1962, segundo da Diretoria Athayde, teve o Colégio S. Vicente, um período de profundas, quase que imperceptíveis, mudanças. A equipe sacerdotal aumentou. Além dos anteriores, Pes. J. Horta, F. Guerra, A. Nogueira, Almeida e Migdon, contava-se então com o Pe. Hugo Paiva que, recém-chegado do Curso de Pastoral Catequética de Paris, substituiu o Pe. Neves na Pastoral do Colégio, com imensa vontade de abrir novas perspectivas; e com o Pe. Dario Nunes, transferido de nosso Colégio de Irati, Paraná, onde já demonstrava a envergadura de sua vivência pedagógica. Encarregado da coordenação disciplinar, soube ver logo neste serviço um posto de escuta, de observação e reflexão.

A A.P.M. praticamente hibernava. Nem seu Presidente, nem o Diretor do Colégio, ligados a tantos outros compromissos importantes, podiam dedicar-lhe os cuidados de que necessitava. Como agravante da situação, o fato de se ter o aluno Roberto Athayde transferido do Colégio, deixando o pai evidentemente desgostoso e, compreensivelmente, cada vez menos disposto à militância da A.P.M. Na Diretoria, não constava nome de Vice-Presidente; ninguém se considerava apto para substituir o Presidente impedido. Assim terminou o ano escolar, assim recomeçaria 63...

Reuniram-se então os colaboradores do Pe. Horta e decidiram tirar a A.P.M. da "geladeira". Lançou-se um convite aos pais mais conhecidos e mais integrados à vida do Colégio, mas sem nenhuma ligação com a vida anterior da Associação. Numa longa reunião presidida pelos Padres Almeida, Paiva e Dario, a "turma" foi devidamente "catequizada", instruída sobre a realidade a ser assumida, informada sobre os Estatutos em vigor (?) e sobre as perspectivas de uma obra que queria evoluir ao ritmo dos tempos. (Era 1963...). Para alegria de todos, aceitaram o desafio. Formariam "chapa única".

4ª Diretoria: Rocha Lima

A Assembléia, sem dificuldade, referendou a equipe que tomou posse de modo global, isto é, sem atribuição de cargos. Como Presidente, o nome proposto era o do Dr. Felipe Daudt de Oliveira, que, entretanto, se desculpou, dizendo-se impossibilitado de assumir. Contornou-se a crise pela discussão amigável do grupo que mal se conhecia, e chegou-se à seguinte definição:

Presidente: Dr. José Rocha Lima
Vice-Presidente: Dr. José Ciríaco de Castro e Silva

Secretário: Sr. Acyr Baumgratz
Tesoureiro: Sr. Nelson Batista
Relações Públicas: Dr. Gilberto Afonso Penna
Bibliotecário: Dr. Rivadávia T. Correia Meyer

Esta equipe, na qual nem todos perseveraram, deveria permanecer no comando por mais de três anos. Explicase: o momento da troca de Diretoria — que seria o início de 65 — coincidiu com um período de crise no Colégio, motivada pela primeira mudança de Diretor. Com efeito, tendo o Pe. Horta pedido demissão em fim de 64, teve como sucessor o Pe. Marçal Versiani dos Anjos.

Pessoa de altíssimo nível intelectual, grande experiência de magistério filosófico-teológico e grande capacidade de trabalho, Marçal estava há pouco tempo no S. Vicente. Para cá viera como conseqüência do fechamento de alguns dos Seminários que nossa Província Religiosa dirigia em vários pontos do país. Por este motivo ou por outros, diversos coirmãos tinham vindo igualmente aportar no S. Vicente: Pes. Marcio Grossi e Arnaldo Cavalcante, Pe. Jair Barros, Pe. Sebastião Dias, Pe. Luís Rodrigues, Pe. Jorge Soares, Pe. Getúlio Grossi... Um ou outro, a bem da verdade, não "esquentou lugar". Casa cheia, mentes irrequietas, ao embalo dos acontecimentos político-sociais e eclesiais, clima de tensões, tal o do primeiro momento da gestão Marçal.

Era de "revoluções"

Era evidente a repercussão, nas salas de aula, como nas comunidades religiosas, de tudo que se passava no mundo exterior. No S. Vicente, a fortiori, armado daquela forte equipe pensante e atuante, as idéias renovadoras do Concílio Vaticano II encontrariam o

ambiente preparado para imediata operacionalização. Lembro-me que tal surto coincidia com o movimento político de 64 que, aparecendo a todos, sobretudo aos jovens, como Regime de Força, excitava-lhes tanto mais a ânsia de libertação.

A vida interna do próprio Colégio evoluíra em progressivo amadurecimento.

A existência do Curso Colegial (2.º grau) desde início de 64, trouxera novo dinamismo à vida escolar: novos e bem mais numerosos professores, novos padrões disciplinares, novas dimensões nas organizações estudantis que passaram do simples "Grémio recreativo-esportivo" para intercâmbio sócio-cultural (se já não político), com outros Estabelecimentos.

Compreende-se bem o abalo sofrido pela "família do Colégio" por ocasião da mudança de Diretor, já que, para a maior parte dos Pais e para a totalidade dos alunos, o Pe. Horta era, nada menos, que o "dono do Colégio" e que, para o próprio Pe. Horta, o Colégio representava muito mais que um sonho realizado, um verdadeiro milagre de sua capacidade realizadora e, pelo lado afetivo, era como sua família adotiva.

Em toda a longa duração da crise, a Associação de Pais, através de sua Diretoria, exerceu importante tarefa de apoio à nova orientação que a Obra tomara desde os primeiros dias de 65.

Presença amiga

Ousadas para aquele tempo (*o tempora! o mores!* — exclamaria o poeta latino), algumas interessantes iniciativas foram tomando corpo e, patrocinadas pela A.P.M. que, ultrapassando a rotina das reuniões formais, começou a dar presença amiga às festinhas dançantes dos alunos — lembre-se que o Colégio ainda não era misto — assim como aos encontros intercolegiais. Tal presença foi importantíssima para aquietar os receios de muitas famílias que viam com indisfarçada suspeita aquela e outras tantas inovações.

Regimento

O impulso de reflexão percorria todos os patamares da Instituição e atingiu as fileiras da A.P.M. — aspirava-se pela elaboração de uma Filosofia Educacional que fizesse passar à pedagogia os princípios antropológicos e

teológicos que contagiavam a vida cristã em geral e, em particular, a liturgia e certos aspectos da disciplina eclesial.

Antes que isso se incorporasse à letra do Regimento do Colégio, foi concretizado na legislação da A.P.M. que teve então sua versão praticamente definitiva, tal a visão esclarecida que a animou e que muito honra os autores.

Tranqüila continuidade

No decorrer de 66, já em clima de relativa tranqüilidade na vida escolar, fez-se o revezamento da 4.ª para a 5.ª mesa Diretora.

Foi a seguinte a nova equipe:

Presidente: Dr. Paulo de Tarso Montenegro

Vice-Presidente: Dr. Georg Wilhelm Lambert Hammers

Relações Públicas: Eugênio Gonzalez Villarino

Bibliotecário: Eugênio Bachmann

Os cargos de confiança, secretário e tesoureiro, àquela época já não mais eletivos — foram preenchidos, respectivamente, pelos Srs. Flávio e César Rabelo Pougy.

Esta Diretoria continuou a política de presença ao Colégio em todos os seus acontecimentos extraclasse, primando pelo informalismo e pelo interesse pelo desenvolvimento do Colégio que, apesar da luta de tantos anos, continuava com suas fileiras bem raquíticas.

A "Nogueirinha"

A cantina primitiva, situada na descida para o subsolo, suficiente nos primeiros anos, quando os alunos eram menos numerosos e mais crianças, de há muito estava a exigir modificações. Empreendeu-a o ecônomo da casa, Pe. Nogueira, fortemente ajudado pela Diretoria da A.P.M., cujo secretário, arquiteto de profissão, assumiu toda a parte de engenharia. Inaugurada a 27/09/66, aí está até hoje a "Nogueirinha" a prestar bons serviços, agora já com o auxílio de uma sucursal.

A Caridade no Colégio

Desde a 4.ª Diretoria, a presença da Associação de Caridade de S. Vicente de Paulo se destacou na A.P.M. — D. Léa R. Lima, simultaneamente Pre-

sidente de ambas, procurou atrair a atenção dos Pais em favor da pobreza. Conseguiu introduzir no Regimento da A.P.M. (cf. art. 3.º) a dotação anual de 20% da renda da festa junina em favor da Associação de Caridade. — Na gestão imediata, D. Desirée Montenegro, vendo certamente uma prioridade no atendimento aos pobres, conseguiu canalizar para eles toda a renda da festa de 1967. No ano seguinte, posta a causa em discussão, não se obteve unanimidade; o tesoureiro da A.P.M. alegara compromissos da A.P.M. a impedirem tal generosidade; votou-se então: 45% para a A.P.M.; 45% para a Associação de Caridade e 10% para o Grémio de Alunos.

Cinema em evidência

Mesmo possuindo o Colégio aparelhagem completa para películas de 35mm, oferecia problemas a seleção e exibição de filmes que satisfizessem à maioria dos alunos, para quem a censura oficial era infantilizante. Não existindo ainda um Cineclube, coube à A.P.M. ajudar os alunos no encaminhamento da questão. A presença sistemática dos casais da Diretoria da A.P.M. passou a proporcionar, não só melhor escolha dos filmes, mas a realização de debates ou de simples bate-papos amigos após as sessões noturnas, em geral, bem frequentadas.

E, para fechar este capítulo, não se esqueça a presença semanal do casal-Presidente, assim como de outros Pais, à Missa dominical de 9h que, desde a fundação do Colégio, era celebrada na Capela da "Casa Central" e, desde 60, confiada ao Pe. Migdon; suas sempre imaginosas homilias forneciam assunto para as prosas do grupo que ali permanecia após a celebração eucarística. Era uma família reunida!

ALIMENTE
A
CHAMA DE
NOSSA
COMUNICAÇÃO
ANUNCIE



ASSOCIAÇÃO DE CARIDADE

VINTE ANOS

Vinte anos nos separam daquele 19 de agosto de 1960, quando um grupo de mães do Colégio S. Vicente de Paulo se uniu para formar um núcleo da Associação de Caridade de S. Vicente.

Acabava de nascer importante ramo de uma Associação unida para a assistência aos pobres dentro do espírito de humildade e trabalho de S. Vicente de Paulo. Éramos então mais um grupo dentre muitos outros em âmbito nacional e internacional.

Hoje, agosto de 1980, ao comemorarmos 20 anos, nos reunimos com a alegria das grandes comemorações e com a força da união adquirida, consolidada pelo trabalho, pelo convívio regular destes anos em que crescemos so-

cial e espiritualmente, na medida em que nos reuníamos, na alegria e na dor, aprendendo sempre lições de vida e amor!

A Presidente atual do setor nacional da Associação, uma das fundadoras do Núcleo deste Colégio, impossibilitada de comparecer à nossa singela comemoração, nos enviou importante e significativa mensagem que resume nossa história e objetivos, e assim, com a força de suas palavras, transcrevemos a mensagem, esperando que atinja a você, mãe de "hoje" do Colégio São Vicente (como a nós em outras ocasiões) e a traga para trabalhar, aprender, ensinar e conviver conosco!!!

Irani Guerra

MENSAGEM À ASSOCIAÇÃO DA CARIDADE DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO, PELA PASSAGEM DOS 20 ANOS DA FUNDAÇÃO

Prezadas companheiras:

Quando algum núcleo de associadas aniversaria, é praxe que a Presidente Nacional, não podendo comparecer pessoalmente, envie uma mensagem.

No caso do núcleo do S. Vicente dirijo-me a vocês não como Presidente Nacional, mas como componente do grupo, como companheira, como amiga.

Há precisamente 20 anos um Grupo de Mães de Alunos do Colégio S. Vicente, convidadas pelo Diretor, Pe. Joaquim Horta e pelo Pe. Audálio Neves, recebia a cruz, o compromisso e os privilégios de Senhora da Caridade. A bondade de Deus fez-me estar entre as componentes desse grupo.

Algumas das companheiras desse primeiro chamado já não estão ao nosso lado, mas em compensação muitas outras chegaram.

E é às que perseveraram e às que chegaram depois que quero me dirigir.

Vocês sabem o quanto eu desejaria

estar presente a esta Eucaristia, mas, não me sendo possível, estarei presente em espírito e em desejo, durante toda a cerimônia que vocês preparam com tanto carinho.

No momento do Ofertório, junto às ofertas que vocês farão do seu trabalho, de sua dedicação e da doação com que têm vivido o compromisso da Caridade, ofereçam, também, o que até hoje me foi dado fazer ao lado de vocês.

E no momento da Eucaristia, onde todos nós, pequenos e pecadores, buscamos forças para superar as dificuldades do dia-a-dia, lembremo-nos de todas as companheiras, presentes e ausentes, de nosso núcleo ou do mais distante lugarejo do Brasil.

O nosso grupo possui membros de grande valor que estão a serviço do pobre, mas acredito que, pela riqueza de dons de cada uma, muito mais poderá ser feito.

Nossa associação é assim: para que o Nacional seja forte e cumpra sua missão, precisa estar apoiado nos Regio-

nais. Para que os Regionais operem eficazmente, é necessário que os núcleos se aprimorem dia a dia. E, para que os núcleos possam ser células vivas que fortalecerão todo o corpo, é imprescindível que cada uma de nós cresça a cada minuto. E vocês têm em potencial essa capacidade de crescimento.

Por isso, minha mensagem pela passagem dos 20 anos do nosso núcleo é repleta de *esperança*, não só pelo que já fizemos, mas sobretudo pelo que podemos fazer.

Terminada a festa, voltaremos ao nosso trabalho, àquele trabalho difícil, muitas vezes incompreendido, desgastante, pois sabemos que, mesmo nas dificuldades, nas tempestades, quando todos parecem nos abandonar, Jesus está dormindo no nosso barco e no momento propício, Ele, com um gesto, faz o mar se acalmar.

Léa Cortez Diniz Rocha Lima

ASSEMBLÉIA GERAL DOS LAZARISTAS

Pe. Lauro Palú, C.M.

Particpei, durante dois meses, de 15 de junho a 8 de agosto deste ano de 1980, em Roma, da 36ª Assembléia Geral dos Padres Lazaristas. Eu era o deputado dos Padres e Irmãos da nossa Província Brasileira, e acompanhei o Vice-Provincial, Pe. Sebastião Dias, que substituiu o Provincial, Pe. Alpheu Ferreira, por causa de sua doença, na ocasião.

Fiquei em Roma 60 dias, todos de céu azul; só vi nuvem dois dias! Cinquenta dias de um clima excelente, temperado, ótimo para o trabalho e os passeios. E 10 dias de um calor de verão carioca! Felizmente, foram os últimos dias, e não incomodaram em excesso.

Tínhamos duas finalidades na Assembléia Geral: a eleição do novo Superior Geral e do seu Conselho e a redação definitiva das nossas Constituições e Estatutos.

O novo Superior Geral, Pe. Richard Mc Cullen, é um irlandês de 54 anos, muito amigo, jovial, atencioso, de muita espiritualidade, com uma visão muito humana da vida e da religião, um homem que gosta de poesia e é especializado em ajudar na vida espiritual. Era Provincial da Irlanda e tem experiência das nossas missões africanas da Nigéria. É formado em Direito Canônico. Foi convidado a visitar os Lazaristas do Brasil em 1983, quando se realizou, aqui no Rio, a reunião dos Lazaristas da América Latina.

As Constituições e Estatutos definitivos da nossa Congregação nos deram o maior trabalho. São atualmente 250 artigos, que preparamos em 6 Comissões especializadas. Uma estudou a finalidade, a natureza e o espírito dos Lazaristas; outra se dedicou às atividades apostólicas que realizamos; a terceira planejou a nossa vivência em comunidade, a vida de oração e a prática dos conselhos evangélicos (castidade, pobreza e obediência); a quar-

ta definiu quem são os membros da Congregação, os seus direitos e deveres; na quinta Comissão, estávamos encarregados do processo de formação dos nossos seminaristas; e a última Comissão estudou o governo e a administração dos bens temporais da Congregação.

Meus companheiros da 5ª Comissão eram um espanhol, um polonês, um filipino e um espanhol que trabalha no Chile. Falávamos espanhol, italiano e português. Coube-nos planejar o trabalho de recrutamento dos novos Lazaristas e estabelecer os princípios gerais da formação nos Seminários e nos grupos de jovens em paróquias, depois ver as normas para os Seminários Menores, o Noviciado e os Seminários Maiores; por fim, vimos o que era bom estabelecer para a formação dos Irmãos Coadjuutores, dos próprios Formadores e de todos (no processo de formação continuada).

Levei e utilizei muito o Plano de Formação de nossa Província Brasileira, e tive muito gosto em propor para toda a nossa Congregação os princípios dinâmicos que adotamos aqui. Especialmente, insisti para que nosso documento fosse inspirado pelos princípios da filosofia da educação libertadora, que procuramos explicitar, aqui no Brasil, ao mesmo tempo para nossos Seminários e Colégios.

Em particular, que o jovem possa ser **sujeito de sua educação e de sua história**, que a educação se faça em contacto com a realidade, em ambiente aberto, de **diálogo**, levando ao **espírito crítico** e à **responsabilidade pessoal e comunitária**. Foi uma conquista real indicar que a formação de um Lazarista se deve fazer em contacto com os Pobres, para aprender sua realidade. Conseguimos que seja sempre permitido que o Noviciado se faça em períodos intensos, durante todo o curso de

filosofia e de teologia, de modo a inserir mais profundamente a formação vicentina ao longo da vida do jovem que quer ser lazarista.

Para o nosso Colégio, sobretudo, o que interessa é isto: na definição de um Lazarista que deseje hoje ser fiel a São Vicente de Paulo, fixaram-se estes objetivos: a) promoção e evangelização dos Pobres marginalizados na sociedade, sobretudo dos mais abandonados; b) formação de Sacerdotes e Leigos, **que possam participar da missão de trabalhar com os Pobres e em favor deles, como agentes da transformação social**. É neste contexto que se coloca o serviço de educação da juventude do Colégio São Vicente de Paulo.

"PAI GUERRA"

Quem, no Colégio São Vicente, não conhece o Pe. Guerra. "Pai Guerra", como é carinhosamente chamado pelos seus colaboradores, é uma presença marcante na história do Colégio S. Vicente.

Sua voz mansa, sua eficiência no trabalho e até suas manias são motivos mais do que suficientes para amá-lo.

Completamente integrado na filosofia do S. Vicente de Paulo, é amigo de todos, é conselheiro e está sempre disposto a escutar e a dizer a palavra certa, no momento certo.

Agora, quando da ausência do Diretor do Colégio, Pe. Guerra assumiu com muita dignidade, resolvendo os problemas surgidos com muito senso de justiça.

Aqui, deste modesto cantinho da *Chama*, rendemos nossa homenagem ao nosso "Pai Guerra", dizendo como nos é gratificante sua presença amiga.

Secretaria
Tesouraria

O QUE VAI FICANDO DA VISITA DO PAPA

Adair Leonardo Rocha
Centro João XXIII - PUC - Rio
Colégio São Vicente de Paulo

Enquanto nos encontramos diante do fenômeno grande da visita, à busca de melhor compreensão de seu todo, em termos de balanço e de pistas de interpretação, lançamos alguns dados e levantamos algumas impressões.

O que teria deixado marca indelével em nosso povo e trazido admiração aos nossos olhos, desacostumados já dos fenômenos de massa e das manifestações populares?

Foram doze dias e uma maratona que revolveram a vida da nossa História religiosa, cultural e popular.

Num balanço geral, o Brasil presenciou e viveu com João Paulo II uma das maiores mobilizações populares de sua História. Cerca de 20 milhões de pessoas foram às ruas, de forma dinâmica: falaram e participaram de diversas formas, possibilitando ao Papa um conhecimento bastante profundo, não só da realidade interna da igreja, mas também uma visão mais global da realidade brasileira. Certamente a grande maioria dos brasileiros acompanharam este evento, mesmo que indiretamente.

A visita teve um caráter pastoral bem claro, com conteúdos bem explícitos: políticos e sociais.

Os dois personagens que ocuparam o cenário nacional foram, sem dúvida, o papa e o povo. Portanto, as conclusões sobre a visita terão significado através não só dos vários pronuncia-

mentos do Papa (foram cerca de sessenta discursos), mas sobretudo da intercomunicação dos personagens. O povo falou muito, por meio das Igrejas locais, de cartas e documentos dos setores populares: favelados, índios, operários, trabalhadores rurais, que falaram de injustiças, de opressões, de mortes, de todos os seus problemas enfim, sabidamente existentes, porém pouco divulgados uma vez que as classes populares vêm de um longo processo de não-participação.

De grande expressão para o povo foram os gestos e a figura do Papa. Os gestos completaram os pronunciamentos.

O fato de deixar o *anel* na favela do Vidigal é um grande sinal de presença que lembrará o Papa junto dos favelados, sensível à situação injusta que os priva de uma vida mais digna e mais humana.

A atenção e respostas do Papa aos refrões criados (especialmente aqueles improvisados pelo povo) geraram um clima de aproximação que caracteriza a "autoridade" próxima do povo, com espontaneidade e simplicidade (aliás, simplicidade, pobreza e inserção foram colocadas em Fortaleza aos bispos como sua identidade e papel principais).

O abraço efusivo a D. Hélder e a saudação: "irmão dos pobres, meu ir-

mão" deu muita força à Igreja do Brasil na sua luta difícil junto aos pobres, no seu processo de libertação.

O grito de guerra da torcida do Atlético Mineiro que Belo Horizonte dedicou ao Papa: "Rei, Rei, Rei, o Papa é nosso Rei", muito mais que exaltação à realeza, saudava alguém que trazia esperança e alegria para o povo.

A Igreja de São Paulo, conhecida pela sua inserção nas classes populares, chama o Papa de *irmão*: "João, João, João, você é nosso irmão". Em São Paulo mesmo, um operário lhe dá o tratamento de "companheiro", num reconhecimento à Igreja que está presente nas suas lutas.

A faixa do Piauí: "Santo Padre, o povo passa fome", ficou histórica por ser a expressão mais viva da realidade do povo nordestino (e do Terceiro Mundo) e à qual o Papa respondeu com uma interpretação de sentido bíblico, inserindo-a na oração do Pai-Nosso - "Pai-Nosso, o povo passa fome".

O emocionante encontro com índios, que falaram, sem *escrúpulos* de sua história - de morte; a festa das "raças" e das "nações" - imigrantes no Sul, enfim, em cada lugar houve um gesto que permanece, como documento, na memória do povo.

PSICOLOGIA DA ADOLESCENCIA

A APM promoverá, nos próximos dias 10, 12 e 13 de novembro, um curso sobre PSICOLOGIA DA ADOLESCÊNCIA, para os Pais, ministrado pela médica e psicoterapeuta NAILA RACHID CARBALLO e pela psicóloga ÂNGELA LESSA DE BARROS BARRETO, ambas da UFRJ. O curso constará de palestras e debates, que co-

meçarão às 20:30h., no Colégio São Vicente. A taxa de inscrição, que vale para a pessoa ou para o casal, é de Cr\$ 1.500,00.

O roteiro inclui: conceito de sexualidade; fases do desenvolvimento psíquico; puberdade e adolescência; condições e problemas críticos da adolescência como crise vital; características fundamentais da adolescência (busca

de si mesmo, tendência grupal, evolução sexual, separação progressiva dos pais, atitude social reivindicatória, etc.); adolescência, família e sociedade.

Pela importância do tema, para o Colégio e para cada Família, insistimos na presença e participação de um grande número de Pais e Educadores do São Vicente.

BAMBUÍ EM FESTA: ORDENAÇÃO EPISCOPAL DE D. JOSÉ ELIAS CHAVES, C.M.

CHAMA 11

Pe. Luiz de Oliveira Campos, C.M.

Numa feliz coincidência, nestes últimos anos a festa de Sant'Ana, Padroeira de Bambuí, tem sido solenizada em celebrações especiais. É a instalação oficial das Missões Populares com a presença do Superior-Geral, a primeira missa festiva do Pe. Dejour Roberto de Rossi, e, no ano passado, exatamente no dia 25 de julho, a Ordenação Sacerdotal do Pe. Eli Chaves, C.M. Quando este ano, a 21 de maio, o Santo Padre escolheu Dom José Elias Chaves, vigário de Bambuí e filho de Bambuí, para Bispo prelado de Cametá, não havia data melhor para sua Ordenação Episcopal do que a festa de Sant'Ana.

E logo Bambuí começou a se preparar. Já tinham feito um treino com a preparação da festa de Ordenação do Pe. Eli Chaves, e então tudo se organizou mais facilmente. Dividiram-se as Comissões, tendo à frente o Pe. Dermeval Mont'Alvão, vigário substituto. Compôs-se o texto da Missa de Ordenação Episcopal marcada para a festa de São Tiago Apóstolo, a 25 de julho. A Missa "São Vicente de Paulo Pai dos Pobres", dos Pes. Lucas de Paula Almeida e Argemiro Moreira Leite, começou a ser ensaiada, de modo que o povo todo, liderado pelo dois Corais, de Bambuí e de Iguatama, pudesse cantar. Tomaram-se as providências para a hospedagem dos padres, bispos, seminaristas, religiosos e leigos amigos de Dom Chaves e da Congregação da Missão.

A cidade se sentia feliz com esta preparação. Também não se descuidou da preparação espiritual. Pe. Eliseu Sampaio, Coordenador da Pastoral Vocacional, não podia perder a oportunidade de um trabalho Vocacional. No dia 20 de julho, começou a preparação espiritual mais intensa, através de um Encontro Vocacional de jovens, com a participação de uns 40 rapazes e moças. No dia seguinte, 21, realizou-se uma piedosa Vigília de Orações.

Finalmente nos dias 22, 23, 24 a preparação chegou ao seu ponto alto, com a celebração de um tríduo para a festa de Sant'Ana e a Ordenação Episcopal de Dom Chaves. A ci-

dade se engalanou com faixas alusivas ao acontecimento. Lembro-me de uma faixa tão sugestiva: "Louvado seja Deus, o menino de meu catecismo é Bispo", homenagem de dona Pepita, aquela que preparou o garotinho José Elias Chaves para a primeira Eucaristia.

No primeiro dia do tríduo, Pe. Dermeval historiou de maneira piedosa e comovente a vida do Pe. Chaves, inspirando-se em São João: "Não fostes vós que me escolhestes, mas fui eu que vos escolhi, para que vades e produzais muitos frutos e vosso fruto permaneça". Nos dois outros dias foi a palavra de Dom José Alves Trindade, Bispo de Montes Claros, que catequizou o povo de Bambuí com a doutrina da Igreja sobre o Ministério Episcopal.

Já na véspera começaram a se fazer presentes sacerdotes e amigos que eram recebidos com muito carinho pelo povo tão acolhedor e hospitaleiro. O sorriso nos lábios de todos traduzia a alegria que invadia os corações.

Mas foi sobretudo no dia 25 que a cidade se tornou uma só família que antecipava o momento solene da Missa de Sagração, às 17 horas. A Matriz toda enfeitada e adaptada para as cerimônias lembrava os altares da visita do Papa. Desde as 3 e 4 horas, o povo começou a ocupá-la.

A missa iniciou-se pontualmente às 17 horas com a procissão encabeçada por 10 garotos vestidos a rigor e que desempenharam a contento suas funções. Estavam presentes os seguintes Bispos: Dom João de Resende Costa, Arcebispo de Belo Horizonte; Dom Serafim Fernandes e Dom Arnaldo Ribeiro, Auxiliares de B.H.; Dom Cristiano Pena, Bispo Resignatário de Divinópolis; Dom José Alves Trindade, Bispo de Montes Claros; Dom José Lima, Bispo de Itumbiara, e mais os três sagrantes: Dom Belchior Joaquim da Silva Neto, Bispo de Luz; Dom José Lázaro Neves, Bispo Resignatário de Assis; Dom Ladislau Biernaski, Coadjutor do Arcebispo de Curitiba, estes três últimos filhos de São Vicente de Paulo. Também estavam presentes, representando a Prelazia de Cametá, Monsenhor Henri-

que Riemslog, Administrador Apostólico, e mais três sacerdotes. Representando as duas outras Províncias de Fortaleza e Curitiba os Revmos. Pes. Frederico, Ecônomo Provincial, e Izidoro Kosinki, Vice-Provincial de Curitiba. Uns 60 sacerdotes, a maioria lazarista, todos os nossos seminaristas, filósofos e teólogos, grande número de religiosas e amigas, visitantes e ex-alunos do Caraça. Entre estes amigos, cumpre destacar a presença do Sr. Gérson Dias e esposa, padrinhos de Dom Chaves, no tempo do Caraça, e D. Rita do Nascimento Vieira, madrinha desde os tempos de Petrópolis. A liturgia foi o que se pode chamar um espetáculo religioso de fé e piedade. A igreja, com mais de 1.500 pessoas, cantando todas a uma só voz. A cerimônia executada com calma e solenidade sob a orientação dos Pes. Geraldo Rezende e Célio Dell'Amore. Foram quase três horas de cerimônia, que todos viveram intensamente. No final da missa, Dom Chaves, com palavras cheias de gratidão a Deus, historiou sua vocação e colocou-se numa atitude de disponibilidade a serviço da Igreja que o convocou para o Episcopado.

No Colégio Agrícola, à noite, um jantar de confraternização reuniu toda a família de Dom Chaves, os seus amigos de Bambuí e de fora. Três oradores, o Sr. Prefeito Municipal, José Brito da Silva, Dr. Ênio Machado e Pe. Alpheu Custódio, que brindou o Santo Padre, se fizeram ouvir com palavras repletas de alegria e de gratidão, pela graça concedida a Bambuí e à Congregação da Missão.

Tudo terminou com a palavra do novo Bispo, que começou a vida no Bairro Lava-Pés e vai agora, num gesto de humildade e serviço, pastorear o rebanho de Cametá.

Parabéns à Igreja de Deus. Parabéns à Congregação da Missão. Parabéns à Prelazia de Cametá. Parabéns à família Chaves. E parabéns a toda Comunidade Paroquial de Bambuí.

Parabéns a Dom Chaves, Bispo Prelado de Cametá, que bem mereceu toda esta solenidade. Seja feliz. Seus coirmãos o acompanham com sua amizade e com suas preces.

O DÉCIMO CONGRESSO DE EDUCADORES CRISTÃOS

Pe. José Pires de Almeida, C.M.

Realizado pela ASSOCIAÇÃO DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL, no Rio de Janeiro, de 24 a 27 de julho p.p., foi sem dúvida, o mais numeroso (mais de 1.500 participantes) e, para mim, o melhor de quantos já vi.

O Colégio S. Vicente de Paulo, do Rio, ausente o Diretor, Pe. Lauro, lá esteve na pessoa do Prof. Moacyr de Góes, que foi um dos brilhantes conferencistas e dos Profs. Wander e Maria da Graça Vasconcellos, para não falar no Prof. Luís Alberto de Souza, pai de alunos, e também conferencista e não menos brilhante.

O tema EDUCAÇÃO e JUSTIÇA fora, desde janeiro, enviado aos Regionais sob a forma de alentado texto-base, da autoria do Pe. João B. Libânio, S.J., dando aos Educadores oportunidade de, previamente, estudarem globalmente o que se iria aprofundar. Que tenha sido excelente idéia, não se duvida, uma vez que três edições do referido texto não bastaram para atender a todos os pedidos para fins de encontros, "seminários" ou grupos de estudos.

O próprio Congresso teve o merecimento de lhe ter sido fiel, inclusive na metodologia do VER — JULGAR — AGIR que contribuiu não pouco para a extrema clareza do conjunto.

— No primeiro dia, o Prof. Moacyr de Góes, Diretor Pedagógico do SENAC e Coordenador do Colégio S. Vicente de Paulo, do Rio, nos ensinou a ler a realidade educacional brasileira, extra e intra-escolar, que, por si, já dá idéia das dificuldades de uma educação que se pretenda "na e para a justiça".

— A partir de "PUEBLA", citada por Libânio a propósito das injustiças estruturais sócio-políticas a que está sujeito nosso Continente latino-americano, o Prof. Góes mostrou, por meio de recortes de jornais e revistas atuais, índices e gráficos alarmantes da situação econômico-política, refletindo-se no mundo escolar, onde campeiam o elitismo, a evasão, a ausência de oportunidades para os pobres, transformando a educação em privilégio de minorias e fazendo do anal-

fabetismo o quinhão das massas.

E dentro, tem-se mais justiça? Retomando Puebla, sempre através de Libânio, Góes abre seu novo parágrafo pela afirmação de que "a tendência das práticas educativas das Escolas, enquanto inserida no atual sistema capitalista profundamente injusto, é de reproduzir tal injustiça". (Cf. texto de Góes, pág. 13).

A partir daí, denso questionamento sobre a prática educativa, dando aos Congressistas clara visão de nossas contradições internas, de nossas injustiças, tão bem respaldadas pela "boa intenção".

Os últimos tópicos do VER nos levam às perspectivas de uma Educação para a Justiça, face à situação sócio-econômico-política e face ao novo "discurso" da Igreja, depois do Vaticano II e, sobretudo, desde Medellín, canonizado por Puebla.

— No final do primeiro dia, o Prof. Luís Alberto de Souza, profundo conhecedor de educação, como da realidade brasileira, perito que é em Ciências Sociais, assessor em Puebla de Dom Moacir Grecchi, bispo do Acre, brindou o plenário com inflamada peça oratória que, certamente, não destoaria se proferida de um púlpito, falando da Opção prioritária pelos Pobres e acabando de nos abrir os olhos sobre as dificuldades de convivência do binômio "Educação" e "Justiça" e, portanto, sobre nossas responsabilidades de Educadores Cristãos.

— No segundo dia, JULGAR, o grande teólogo Pe. Francisco Taborda, S.J. teve o dom de fazer refletir os congressistas, buscando seguros critérios na mesma realidade iluminada pela Palavra de Deus. A ninguém escapou a beleza da argumentação do conferencista, quando buscou no Antigo Testamento a verberação contra os "ídolos" que, longe de terem desaparecido, estão em nossos dias, a gerar injustiças em todos os campos da existência e particularmente da Educação. A cobiça da posse avara e irresponsável, a violência do poder, o hedonismo consumista, tais como os antigos ídolos materiais, são cruéis, exigem vítimas de seus dóceis adoradores que acabam esmagando.

Isso acontece quando as estruturas sociais criadas por eles passam a produzir as leis injustas, a corrupção, a violência, a fome, o abuso do sexo, etc. É a situação de permanente, institucionalizado pecado social. Esquece-se na prática, de que somente Deus pode ser absolutizado sem que o homem sofra em sua dignidade. O pecado social é contra o Reino de Deus. E só a busca do Reino — busca da Justiça — poderá afastar a sociedade da adoração dos ídolos e da própria degradação moral.

Dentro de tal panorâmica, é que temos de interrogar, para não dizer "julgar", a Escola e a Educação. Em tal contexto, como isentar de injustiças a Escola Católica? A resposta geral seria: "afastando-a da adoração dos ídolos, isto é, libertando-a, para que não se instale como repetidora dos sistemas de opressão em que mergulha".

— Como pedagogia, Pe. Taborda acena para a do Conflito ou do equilíbrio instável entre tensões contrárias entre si.

Como na primeira parte, buscou na Sagrada Escritura, agora em S. Paulo (I Cor. 10.20 e 18.13) o argumento de apoio a tal pedagogia.

São Paulo, sabedor de que nenhum mal poderia fazer à consciência esclarecida comer as carnes oferecidas aos ídolos, pede aos Coríntios cautela, a fim de não induzirem em erro os fracos. Exige discernimento, espírito crítico, equilíbrio.

— A Escola Católica sente-se chamada a repetir este gesto. Ela será cristã na medida em que, criticamente, conseguir formar "traidores" da adoração dos ídolos, na medida em que tornar seu aluno "sujeito consciente de seu crescimento, de sorte que, sem fugir da sociedade em que vive, seja capaz de recusar-lhe os valores".

Urge, em conclusão, fazer passar à prática o dinamismo libertador iniciado em Medellín e retomado em Puebla.

— No terceiro dia, o Pe. Agostinho Castejon, Presidente eleito da AEC do Brasil, abriu pistas para o AGIR.

— Em densa exposição, pontilhada de pitorescas expressões a denotar o convívio com o povo simples da fave-

la, desfilou, aos ouvidos desejosos de "receitas", as etapas, os processos, as dificuldades da Educação para a justiça e na justiça, quase todos implícitos nas palestras anteriores. Em cada tópico, destacava as pistas possíveis, deixando a cada educador optar, em cada realidade e no devido momento, por esta ou aquela via, por este ou aquele empreendimento.

Fruto do amor, a educação é sempre (deve ser!) original. Cada educador terá de buscar no estudo, na reflexão comunitária, na prece humilde, os caminhos de libertação a que o Senhor o chama.

Dentro desta premissa, é sempre possível indicar alguma saída:

a) Em cada escola, em cada centro educacional, tem que estar permanentemente instalado um processo de busca, de reflexão.

b) A metodologia do VER-JULGAR-AGIR não deve ser apenas um roteiro de congressos, mas uma norma de vida para o educador. As ações concretas, os acontecimentos significativos do dia-a-dia, seguidos de reflexão, de revisão, dando segurança na vivência dos princípios e formando hábitos, têm que fazer parte de nossa "rotina educativa".

c) Como educadores, purifiquemos nossas intenções, sempre que se tratar de criar atividades julgadas capazes de libertar, de encaminhar para a justiça. Assim, um curso noturno para adultos carentes de recursos, uma visita à favela para fins promocionais, uma campanha a favor da pobreza, tudo será feito em perspectivas libertadoras, isto é, sem paternalismo, sem chantagem, sem manipulação.

d) Todas as dimensões da Educação e da Escola sejam orientadas para a justiça: conteúdos programáticos, metodologia, disciplina, relacionamentos, planejamento, administração, exercício do poder. . . tudo há de ser encaminhado na trilha da coerência com os objetivos da justiça.

— Como a Educação ultrapassa as fronteiras da Escola, buscaremos com zelo as formas de educação não-formal onde será sempre mais fácil a conciliação com a justiça. No Brasil, temos o exemplo pioneiro do MEB (Movimento Educacional de Base), seguido mais recentemente por muitas outras experiências, em campos restritos, mas dignas de serem estudadas e imitadas.

Nos três dias de Congresso, além dos trabalhos de grupo e dos plenários ou de palestras, várias destas experiên-

cias foram rapidamente expostas aos congressistas, merecendo especial destaque a Obra dos "Vigilantes Mirins", de Belo Horizonte, de iniciativa dos Padres Salesianos e hoje assumida pela Congregação como indispensável complemento à ação educativa de cada colégio.

Em síntese, carecemos de verdadeira conversão, se quisermos agir em função da justiça.

Não se pode deixar de pôr em destaque as palavras de D. Ivo Lorscheiter, Presidente da CNBB.

Em linguagem admiravelmente simples e dialogante, enfatizando Medellín, postulou uma EDUCAÇÃO LIBERTADORA, TRANSFORMADORA, INTEGRAL e CRISTÃ, como única voltada para a justiça.

"A bandeira da libertação é nossa; não vamos entregá-la a outros", exclamou D. Ivo. Não há verdadeira educação que não seja libertadora.

Antes, referindo-se aos aspectos quantitativos reafirmara a importância da Educação Cristã e da Escola Católica como meios válidos e atuais de evangelização no dia de hoje.

— No mesmo sentido, posto que menos explicitamente quanto à Educação Libertadora, falara S. Excia. Dom Orlando Dotti, Bispo responsável pela linha da Educação junto à CNBB e que, a este título, havia acompanhado os dois primeiros dias integrais do Congresso.

— Por fim, na cerimônia de encerramento, tendo o Congresso sido aberto pelo Sr. Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro, o Sr. Núncio Apostólico, Dom Carmine Rocco, apelou, mais uma vez, para os Educadores presentes e para a Escola Católica no sentido de que as dificuldades não sejam pretexto para desistências, já que somos arautos das transformações que o Santo Padre, reforçando Puebla e Medellín, nos atribui como tarefa de todos quantos devem participar da construção da sociedade pluralista de hoje e de amanhã: "Depende de vós todos e de cada um que o futuro do Brasil seja um futuro de paz, que a sociedade brasileira seja uma convivência na justiça" (Salvador, 7/7/80).

— Conclusão

Um Congresso como este, com um tema como este — Educar na Justiça e para a Justiça — é verdadeiro bombardeio na consciência porventura adormecida dos Educadores ali presentes. Éramos 1500, recordamos. E 1500, unidos, lembrava D. Ivo, podem

revolucionar o Brasil. Mas, a verdade é que, terminado o Congresso, cada qual retoma seu caminho de casa e, quem sabe, do isolamento. Isso seria fatal. O êxito do Congresso estará, seguramente, na capacidade de cada um dos participantes *criar multiplicadores*. Dentro em pouco, as conclusões e todo o material sobre que se trabalhou, serão publicados na íntegra. Será então o momento, para quem ainda não começou, de iniciar grupos de estudos, novos encontros, outros tantos minicongressos que transmitam o facho a número cada vez maior de profetas e apóstolos da causa sagrada da justiça que nos reuniu no Colégio Marista do Rio e nos deve manter unidos, mesmo dispersos pelo Brasil afora.

ALIMENTE A
CHAMA
DE NOSSA
COMUNICAÇÃO
ANUNCIE

GRUPO CALABOUÇO

Assisti aos 2 últimos trechos do espetáculo "Deus e o Povo — minha ira e minha esperança" — que o Grupo Calabouço está apresentando no Colégio e fiquei impactada pela qualidade do trabalho, pela força dos textos e pelo grau de seriedade e conscientização dos alunos que participaram do debate.

Penso que é um momento importante a ser participado pelos pais, como oportunidade de observarem o processo de amadurecimento de seus filhos e estimulá-los nesse trabalho tão bonito e que parece lhes tem dado tanto prazer.

Edna Maria Loter
mãe de Sílvia Loter — 1^o C e
Ana Loter — t 82

A EXPERIÊNCIA DE VERTENTE

Lançada em junho, um pouco antes das férias, VERTENTE, revista de cultura, foi uma proposta nova dentro do Colégio. O nosso único órgão até aquele momento tinha sido A VOZ, cuja função é a de notificar os demais alunos sobre tudo o que acontece com suas turmas, com a direção, e comentar sobre outros assuntos nessa linha. VERTENTE veio preencher um espaço vazio: faltava um veículo que expusesse a criatividade, melhor, que individualizasse cada criação. É por isso que escrevo no editorial do primeiro número: "A experiência que VERTENTE tentará, neste e nos próximos números, é uma necessidade e um desafio. Estimular a criatividade no campo literário dos alunos — num sistema escolar que enfatiza e mitifica as Ciências Exatas — é um projeto urgente que não podemos abandonar. O pragmatismo, a repressão, o dia-a-dia planejado, todos esses instrumentos que vivenciamos de alguma maneira, fazem com que deixemos à margem um repensar crítico de nossa sociedade, da nossa cultura". E isso realmente se cumpriu, com a presença dos nossos mais atuantes poetas, como Adélia Prado e Décio Pignatari, e Mário Chamie, Carlos Nejar e Dante Milano, num segundo número, já em preparo. Ainda publicamos informes sobre o quarto centenário da morte de Camões, a tradução de um poema de Paul Verlaine e, a parte mais volumosa, os poemas e/ou contos de todos os alunos que nos enviaram sua colaboração. O nosso objetivo é fazer pensar. E só se pensa contestando, tomando-se uma atitude crítica diante de determinado assunto. Precisamos de memória. De discussão. Caso contrário, poderemos citar aqui aquele bom trecho de um poema de Marcelo Sampaio, sem mais comentários:

*E suas palavras se perderão
como as flores esturricadas do campo*

E não faltaram, realmente, bons momentos nas nossas colaborações, como num poema de Luciana Sandroni:

*Varrendo o mundo,
via vestidos, véus a revoar
Via ventos, versos, vazios no varal
da casa.*

E se nosso objetivo não agrada ainda por esse lado, digamos, mais "abstrato", podemos noticiar aqui o terrível naufrágio de 80,14% dos alunos que fizeram a redação do Vestibular do meio do ano: todos estes com nota zero. Um lamentável levantamento estatístico, que se reporta a toda a formação escolar da grande maioria de alunos, num ensino que informou sem formar, que aceitou sem indagar.

Longe, muito longe de querer sanar essa verdadeira ferida, cujos esparadra-

pos volta e meia se soltam, como no caso mencionado, VERTENTE quis estimular. E com o grande número de trabalhos que conseguiu, se vê com meio caminho andado. Pois a outra metade seria a discussão sobre esses mesmos exemplos.

Nesse segundo número, trazemos um artigo especial sobre Vinicius de Moraes, poeta e músico falecido em julho. Um bom exemplo.

Felipe Fortuna — 2^o B

MENINO MALUQUINHO

Às vezes, nos surgem alguns com o dom da palavra, outros com a perfeita manipulação de uma técnica, poucos com idéias encantadoras e raros com cativante sensibilidade.

Tudo isto, entretanto, interpenetra, concentrado e, sobretudo, perceptível por qualquer um, independente do nível ou faixa etária, nos aparece em Ziraldo, por meio de sua obra *O Menino Maluquinho*.

O leitor se vê apanhado de cheio, desde a primeira página, onde já se iniciam, em paralelo, as leituras mental (através de metáforas claríssimas) e visual (pela seqüência de ilustrações). Envolvido por todos os ângulos de percepção, o feliz leitor se descontrai vendo a feliz descontração, ri com tanta espontaneidade, ama com tanta pureza e se choca com a dura constatação da impossibilidade de retenção do tempo por parte do Menino Maluquinho e dele próprio, leitor.

O leitor percebe pela leitura, encanta-se pelas ilustrações e vive (ou revive?) pela narrativa.

De fato "fácil é a verdade", como já disse Camões.

A. Farias
Coordenador da área



Impressões:

Quem de nós já não falou de alguém com muito carinho e mesmo uma ponta de inveja: "Esse cara aí é maluquinho!?"

É sobre esses deliciosos maluquinhos o novo livro de Ziraldo. Um elogio da loucura saudável. Um pontapé na tristeza, em tudo que se deixa acomodar, empobrecer, aprisionar. Uma rasteira naqueles que confundem sisudez com seriedade e fossa com profundidade.

Ventando, ideando, inventando, o menino maluquinho subverte a ordem doméstica do jeito mais doce que é o amor.

Na Escola: Atenção, Senhores Pedagogos! É preciso descobrir o prazer nas lições, das lições fazer versos, para tirar dos versos lições...

Para enfrentar as "barras", nem Freuds, nem Jungs, nem Lacans, a receita é caseira, ou melhor, mineira...

Pinta e borda o menininho até que...

Mais, quem quiser saber, só comprando e lendo o livro!

Depois é só soltar o menino maluquinho que, às vezes, se esconde dentro de cada um de nós.



Ana Cristina de Rezende Chiara

OS PEQUENOS LEITORES

IMPRESSÕES DE NOSSA VIAGEM A MINAS



Natália Maria Dias Pascoal, Ricardo da Costa Velasco e Mayumi Miyamoto acabam de realizar uma façanha escolar que merece destaque; preencheram totalmente a ficha de empréstimo de livros da Biblioteca. O feito é notável posto que são os três primeiros alunos que alcançaram esta meta no Colégio São Vicente de Paulo e se apresentam como modelo, na tentativa atual de se conseguir que os estudantes leiam mais. Adquiram o hábito de ler.

O fato se torna mais interessante ainda se considerarmos que se trata de alunos da 2ª série do 1.º Grau, ou seja, de nossos mais recentes leitores. Será que estamos começando por baixo, conseguindo romper a barreira da geração audiovisual? A geração que não gosta de ler?

Natália, Mayumi e Ricardo não fazem parte desse grupo, gostam de ler, gostam de conversar, têm interesses variados e nos relatam idéias e pensamentos que são fruto de suas reflexões e brincadeiras. Sim, porque Natália, Mayumi e Ricardo não são meninos bobos e diferentes dos outros. São crianças como todas as crianças, que riem gostoso, arranjam novidade em tudo, percebem em tudo motivos para motivos para brincar e que foram além, descobriram um grande amigo: o livro.

As turmas 21 e 23, onde estudam os três, estão muito satisfeitas com este acontecimento.

Parabéns a Natália, Mayumi e Ricardo, que abrem o caminho e avivam nossas esperanças.

Lourdes Tura

Madrugada de 5ª feira, 5h45min, estávamos chegando em nossa primeira escala: São João Del Rei. Os pés de vinte e oito crianças e oito adultos pisavam as terras históricas das históricas cidades mineiras.

A primeira impressão guardava o mistério que nos impelia a pisar leve aquele chão calcado pelos artistas do nosso Barroco e pelos primeiros mártires de nossa Independência, ainda inconclusa. O espírito de Grupo estava invadido por uma ansiosa expectativa de descobrir, ver e sentir as belezas e a bravura que, a partir de S. João até Ouro Preto — último ponto de nossa escalada — nossos irmãos brasileiros haviam realizado para nosso exemplo cívico e nosso prazer estético.

Sucediam-se, umas atrás das outras, emoções as mais atuais e as mais atávicas. Progressivamente, na medida em que o ônibus guiado pelo Zé Geraldo nos conduzia, através da paisagem ondulada de Minas, a Tiradentes e Congonhas do Campo, renovava-se em nós o espírito majestosamente intimista do Barroco e o ideal brasilianista que a história dos feitos de nossos heróis recriava em nós.

Aquela coleção de indivíduos que às 23 horas de 4ª feira entrava no ônibus, agora estava transformada num grupo, com uma identidade de grupo que transcendia às individualidades. Cada um de nós não era mais em si. Era para o outro. Era com o outro. A solidariedade e o companheirismo tinham tomado conta da gente. E brincávamos. E cantávamos. E sorríamos. E ouvíamos solidários as dicas históricas que Pe. Almeida — nosso temporário acompanhante do primeiro dia — nos dava.

Tutu, feijão tropeiro, queijo-de-minas, lingüiça mineira: que delícias! A lingüiça, nem tanto, que de apimentada arrancou lágrimas dos oito anos do nosso Guilherme Velloso e tirou o apetite do nosso Diogo. Eles queriam mesmo era o carioca bife com batatas fritas! Em Belo Horizonte, no jantar da casa das irmãs, eles podiam satisfazer seu desejo. E satisfizeram.

Agora, a expectativa maior. Dezoito quilômetros mediam nossa ansiedade

de finalmente chegar à "Porta do Céu": o Caraça, acima de nós a 1.400 metros.

Para aumentar o mistério, chegamos a ele à noite. Dez graus de temperatura. Marlene suspirou aliviada: enfim chegava o frio! Se não era o céu, tínhamos certeza de que também o inferno não era: diz-se que lá faz muito calor!

Manhã seguinte. O Caraça ali, a nosso pé. A gente dentro dele. Ele dentro da gente. A história, a natureza, a beleza, a transcendência, o silêncio, dentro da gente. Tínhamos engolido o céu e a terra. Uma simbiose perfeita entre nós e o Caraça.

É bom estar ali e, na verdade, não se sabe muito bem por quê. A sensação é de purificação, de descarbonização da alma. Lá, o barroco-colonial e o gótico, um dentro do outro, simbolizam a união dos contrários, formando uma harmonia perfeita.

Há doze anos convivendo nesta casa, confesso que nunca chegara a entender e até me soava meio ridícula, a maneira como as pessoas falavam do Caraça. O fascínio e a magia do Caraça sobre essa pessoa me parecia uma coisa meio mítica, infantil. Agora, porém, eu sei por quê. O Caraça é realmente fascínio, mito, magia, meninice, eternidade e como diz uma placa na estrada: é a Porta do Céu!

Por Santa Bárbara, Cata Altas, Brumal, Mariana e Ouro Preto terminamos de percorrer o filão de nossa jornada histórica, resgatando quatrocentos anos de nossa história.

Chegamos ao Rio quatro séculos mais jovens, mais Brasil, mais gente. Nossa chegada, depois desses quatro históricos dias, foi assim como o despertar de um sonho. Só que desta vez não foi sonho. Foi uma realidade que a gente deixou encravada na montanha de Minas, no ouro barroco das Igrejas, nas alturas do mistério caracense, nos monumentos a nossos heróis inconfidentes, nos talhos e nos pincéis de nossos artistas barrocos mas que, sobretudo, trouxemos conosco sob a forma de memória, que fazemos questão de manter conosco para sempre.

Aluizio

UM CONSELHO AOS CONSELHOS

Qualquer entidade cujo objetivo se concentre na educação, como prioridade, defronta-se com dois tipos de dualidades básicas: por um lado, ter de levar em conta as individualidades dos educandos em paralelo com as perspectivas comunitárias e, por outro, atender aos requisitos acadêmicos sem desprezar os valores existenciais.

Esta interpenetração de obrigações simultâneas impõe a presença de determinados critérios de procedimentos, a fim de que haja um equilíbrio e se consiga um crescimento educativo constante, porquanto educação é processo.

Uma ligeira observação sobre a nossa realidade escolar já nos permite a constatação de grosseiros desencontros na condução destas metas simultâneas de uma instituição educadora.

Por ser visível, mensurável e aferível, o aspecto acadêmico tem-se tornado a preocupação dominante da maioria dos estabelecimentos de ensino, como se percebe pela enorme parcela de tempo a ele dedicada e imposta por força legal de nossos Conselhos de Cultura.

Este desequilíbrio gerado pela quase exclusiva valorização do campo acadêmico decorre, em suas raízes, de uma falsa percepção dos valores intelectuais. Visto como elemento desencadeador de todo o progresso, o conhecimento científico funciona, para a maioria das pessoas, exclusivamente como "causa" do bem-estar geral dos componentes de qualquer sociedade, sobretudo, a ocidental. De fato, não se pode esquecer que se, por um lado, o conhecimento científico é causa, por outro lado, aparece, principalmente, como uma "conseqüência" de um conjunto de fatores como: nutrição, estabilidade emocional, relações sócio-econômicas, injunções familiares e outras circunstâncias similares.

A confluência da valorização do campo acadêmico com o relativo desprezo dos dados existenciais básicos da pessoa humana provoca o grande descompasso no nosso processo educativo. Se seus efeitos não chegam a ser nefastos, longe se acham do ideal em educação.

Freqüentemente, a manutenção deste "status quo" reside na eterna esperança de uma solução caída do céu, quando se poderia apenas acionar o imenso potencial (ainda latente) do Conselho de Classe, sem investimentos de outra ordem.

Dentro de uma perspectiva prática, os nossos Conselhos de Classe tomariam nova dimensão educativa, se na primeira reunião do ano letivo, os Professores e demais componentes do Corpo Docente se limitassem a uma coleta de dados sobre a realidade global de seus Alunos, a fim de que, dali em diante, passassem a atuar direta e eficazmente, em busca de um crescimento mútuo em todas as esferas da pessoa humana.

As outras reuniões do Conselho de Classe ao longo do ano se tornariam ocasiões de avaliação do trabalho educativo dos Professores, juntamente com as mais diversas receptividades de seus Alunos.

Desta forma, nossos Conselhos não se restringiriam apenas aos Alunos com fraco rendimento acadêmico, porquanto a Escola estaria também atuando sobre os "bons" Alunos, com o intuito de torná-los agentes positivos na comunidade, fomentando ao mesmo tempo suas qualidades, como preparação para melhor desempenho de suas futuras profissões ou para as soluções que a pátria puder exigir deles.

No tocante aos "maus" Alunos (quase sempre vistos pelo lado acadêmico), haveria todo um contingente de Educadores associados a eles, numa

permuta de diálogo, de amizade, de respeito, criando o condicionamento indispensável para um ressurgimento, inclusive acadêmico, que, às vezes, não passa de uma conseqüência de dados existenciais.

Em compensação, os Professores (via de regra, escolhidos pela instituição por sua bagagem intelectual), se veriam na realização plena de sua profissão, preocupados com os valores educativos globais. Além do mais, nesse intercâmbio de vivências, também eles seriam educandos, já que nunca se está suficientemente educado, uma vez que, em educação, qualquer produto não passa de etapa de um processo incessante.

Dentro desta ótica viável, com um Conselho de Classe em que cada membro se preocupasse em transmitir as suas atuações, com a mesma constância em que atribui avaliações acadêmicas, a instituição teria, equilibrados, a individualidade dos educandos dentro da comunidade integrada e os valores acadêmicos fundamentados em dados existenciais.

Antonio Farias

DIA DOS PAIS NO CSVP - UM NOVO SIGNIFICADO

O estímulo ao consumismo e o reforço aos signos representativos da família patriarcal ainda presentes em nossa sociedade têm sido a tônica dos festejos que se fazem anualmente por ocasião do Dia dos Pais — data criada pelo jornal *O Globo*, prazerosamente endossada pelos interesses comerciais das demais empresas editoras de informação e assimilada pelo apetite voraz do comércio dos grandes centros.

Muito se discutiu no Colégio São Vicente sobre as formas mais adequadas de colocarmos em questionamento as significações de que esta comemoração, que já vai se tornando tradicional, está eivada e de buscarmos transformá-la em algo mais condizente com a nossa proposta pedagógica.

Foi a partir desta pretensão que surgiu a idéia de promover uma atividade que, no Dia dos Pais, oferecesse estímulo para, antes de tudo, colocar em relação de puro afeto, em aproximação franca de jogo e de lazer, pais e filhos, que, nas condições sociais em que nos encontramos hoje, têm tão poucas oportunidades de estar em comunhão. Em segundo lugar, optamos por uma circunstância de co-operação, pelo que ela pudesse ter de oposto ao comprado, ao dado, à coisa feita.

Embora nenhum desses elementos tivesse sido explicitado no convite feito às famílias, as intenções foram perfeitamente sentidas por todos os que participaram do Encontro e deixaram seu depoimento de aprovação na eufo-

ria com que torceram e no esforço que empenharam para ganhar uma partida de futebol, na dedicação com que construíram um robô de sucata, em toda a beleza dos desenhos e pinturas com que decoraram os muros do colégio, na paciência com que moldaram no barro as mais lindas peças, no carinho com que uma batatinha frita era servida na boca e na alegria do tim-tim de um copo de chope com uma garrafa de refrigerante, na descontração com que sujaram as mãos, suaram camisas e saíram abraçados, sorrindo...

Nina Maria



SEMPRE É TEMPO DE AMAR

Você que procura o sentido do amor verdadeiro que o mundo materializou, eis que levamos a você, leitor, esta obra para que possa nela encontrar aquilo que o mundo não lhe dá.

Devemos saber ler os sinais da vida, ouvir o seu silêncio e encontrar e reconhecer o Senhor junto às pessoas com as quais convivemos.

Amar não é usufruir mas construir.

LIVROS RELIGIOSOS, PEDAGÓGICOS, LITÚRGICOS,
FOTOMONTAGENS, DISCOS, CASSETES, POSTERS.

ep
EDIÇÕES PAULINAS

Rua México, 111-B — Tel. 224-0059

FESTA JUNINA NO CSVP



A grande festa de confraternização da família do Colégio São Vicente é, sem dúvida, a festa junina.

Sua promotora é a Associação de Pais e Mestres que, desde sua fundação, há 20 anos, cumprindo seu regimento interno, encarrega-se de organizar uma festa anual, de caráter social, com a participação de todo o Colégio. Esta participação evidentemente não é igual, depende do interesse, da motivação e de disponibilidade, e varia muito a cada ano.

Para que a promoção tenha êxito é essencial a colaboração dos alunos, pois trazem as prendas, os doces e os salgados para as barraquinhas. O número de freqüentadores aumenta a cada ano, o que gera um certo desconforto para quem está organizando a festa: deve-se prever o imprevisível. Sempre as mesmas dúvidas: Será que vão trazer prendas suficientes? Este ano vai sobrar muito salsichão? Quantas mesas vamos alugar? E a comida? Isto é discutido em reunião e mais reunião. Este ano, depois de muito debate, ficou resolvido que a festa iria se manter na proporção direta do interesse despertado. Se os alunos não trouxessem as prendas, doces e salgados, paciência. A festa teria deixado de motivá-los e não teria mais razão de ser.

Mas a colaboração chegou.

No 1º Grau I a coordenação participou intensamente. A Profª Marlene Bluhm, coordenadora do extraclasse, esteve presente em todas as reuniões, muitas se prolongando depois de meia-noite. A animação da coordenação foi contagiante e conseguiu mobilizar as

A alegria foi geral, flagrante da quadrilha

mães representantes de turma das 1as. às 5as. séries, que se responsabilizaram pelas barracas, arrecadando prendas, ornamentando e organizando os jogos.

Sérgio Drago, coordenador do extraclasse do 1º Grau II, ficou encarregado de organizar, com os alunos das 6as., 7as. e 8as., todas as atividades no campo de areia. As prendas, brincadeiras e jogos seriam mantidos por esses alunos. Surgiram ótimas idéias como a do leilão de camisas dos grandes times de futebol autografadas por seus jogadores — foi um sucesso!

O 2º Grau participou ativamente da organização da festa por intermédio da Diretoria do Grêmio recentemente eleita. A comissão encarregada da festa junina não poderia ter sido mais eficiente; não houve trabalho que seus membros recusassem, estavam sempre firmes, prontos para ajudar.

Os funcionários se fizeram representar entre alguns da tesouraria e secretaria que nunca se negam em dar uma mãozinha na barraca do salsichão e do

chope.

A Dinah é a apresentadora oficial.

As Professoras do 1º Grau I sempre estão presentes, pois são encarregadas da parte "artística" — organizam as quadrilhas, as danças, os números musicais, apresentados pelas crianças.

O Prof. José Eugênio, de recreação, coordena a decoração da festa. O Prof. Tedesco, coordenador, é sempre fisgado para uma das caixas e até o Pe. Venuto ficou um pouquinho de porteiro.

As Senhoras da Caridade expõem na Boutique os seus trabalhos, e é sempre com a maior animação que são disputados.

Até mesmo o Curso Supletivo se fez presente este ano. A cadeia estava por conta de simpáticas alunas vestidas de "polícia feminina".

Os pais e mães que compareceram à festa ficaram cientes de que todo o São Vicente festejou o São João. A confraternização foi grande, a animação intensa, e o brilho, demais.

As entradas vendidas concorreram ao sorteio de um colar, oferecido pela H. Stern, de um relógio de pulso, doado pelo Presidente da APM e de cinco maravilhosos cartazes especialmente desenhados pelo Zivaldo.

Espero que no ano que vem a animação seja igual, mas sem as bombinhas, um perigo que muitos insistem em ignorar.

Glória, Presidente da APM

OS JOVENS LEITORES



RICARDO DA COSTA
VELASCO



NATHALIA MARIA
DIAS PASCOAL



MAYUMI MIYAMOTO

Alimente a

chama

de nossa Comunicação

ANUNCIE



a chama